



ANTIGO NO NOVO:
UMA INVESTIGAÇÃO DO USO
VETEROTESTAMENTÁRIO POR
PEDRO E PAULO EM SUAS
PREGAÇÕES

*OLD IN NEW: AN INVESTIGATION ON THE
USAGE OF OLD TESTAMENT BY PETER AND
PAUL IN THEIR PREACHINGS*

*Gabriel Medeiros do Nascimento*¹³

¹³ Graduado em Direito pela UFPB – Universidade Federal da Paraíba. Graduando em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva. E-mail: gmnmedeiros@gmail.com

RESUMO

Em um experimento de Teologia Bíblica, este trabalho propõe-se a investigar a natureza do uso da literatura Veterotestamentária em pregações de Pedro e Paulo em Atos dos Apóstolos. Utilizando-se de revisão bibliográfica, o trabalho partirá de uma investigação prévia acerca das características literárias do livro de Atos dos Apóstolos. Serão discutidos brevemente tópicos como autoria e historicidade, a fim de pincelar atributos do contexto histórico e canônico do livro. Após esta breve análise será feito um levantamento das ferramentas hermenêuticas adequadas para o estudo proposto. Dentre o tripé hermenêutico, as ferramentas históricas e teológicas serão escolhidas para o fim proposto, tendo em vista as particularidades dos relatos das pregações. Por fim, o trabalho partirá para a investigação propriamente dita. As porções textuais selecionadas foram a pregação de Pedro no dia de Pentecostes e os dois sábados de Paulo de Tarso em Antioquia da Pisídia. A razão desta escolha é pela riqueza textual em alusões e referências à linguagem actual, profética e messiânica encontrada no Antigo Testamento. O trabalho conclui apontando para a importância de um domínio sólido da literatura Veterotestamentária para se atingir níveis mais profundos de entendimento acerca do escopo da obra redentiva de Cristo Jesus.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia Bíblica. Antigo Testamento. Atos. Pregação. Profecias.

ABSTRACT

investigate the nature of the use of Old Testamentarian literature in the preaching of Peter and Paul in Acts of the Apostles. Using a bibliographic review, the work will start from a previous investigation about the literary characteristics of the book of Acts of the Apostles. Topics such as authorship and historicity will be briefly discussed in order to brush up on attributes of the book's historical and canonical context. After this brief analysis, an analysis of the appropriate hermeneutic tools for the proposed study will be carried out. Amongst the called hermeneutic tripod, the historical and theological tools will be chosen for the proposed purpose, in view of the particularities of the preaching reports. Finally, the paper will enter the investigation. The selected textual

portions were the preaching of Peter on the day of Pentecost and the two Saturdays of Paul of Tarsus in Antioch of Pisidia. The reason for this choice is the richness of the text in allusions and references to the covenant, prophetic and messianic language found in the Old Testament. The work concludes by pointing out the importance of a solid grasp of Old Testamentarian literature in order to reach deeper levels of understanding about the scope of the redemptive work of Christ Jesus.

KEYWORDS

Biblical Theology. Old Testament. Acts. Preaching. Prophecies.

1. INTRODUÇÃO

O liberalismo teológico está marchando pelo Brasil, e um de seus alvos é a validade do Antigo Testamento. O princípio da Unidade das Escrituras é atacado, bem como o da Inerrância e Infalibilidade da Bíblia. É dito que “a Bíblia simplesmente contém a palavra de Deus”, em detrimento de ser a palavra de Deus.

Esta vã forma de enxergar o cânon bíblico traz à mesa da Teologia Reformada a necessidade de reação, mostrando toda a importância de sustentar a Unidade da Escritura através da defesa do Antigo Testamento enquanto Palavra de Deus inspirada para os cristãos de todas as eras, incluindo hoje.

Neste sentido, seguindo o esforço de reacender a relevância e o interesse pelas implicações proféticas da literatura Veterotestamentária, este trabalho segue na esteira de investigar a forma como os apóstolos Pedro e Paulo se utilizaram das Escrituras Antigas nas suas pregações em Atos dos Apóstolos. Como será observado, os dois, no intento de mostrar a plenitude da obra messiânica de Jesus Cristo, utilizaram-se, com muita propriedade, das profecias e dos salmos messiânicos.

O trabalho, através da revisão bibliográfica, passará por uma trilha metodológica que construirá, pouco a pouco, tanto o contexto (histórico e canônico) do livro de Atos quanto as melhores ferramentas interpretativas usadas na investigação proposta.

Dito isto, no primeiro tópico far-se-á o levantamento das características do livro de Atos, como autoria, disputas pela

capitulação do livro bem como a certeza sobre sua historicidade. Neste tópico pontos fundamentais como a autoria Lucana e seu propósito enquanto autor serão explorados e levantados. Ditas conclusões serão fundamentais para um melhor contorno do perfil dos relatos das pregações selecionadas para análise.

O segundo tópico será um levantamento das devidas ferramentas interpretativas a serem utilizadas. A hermenêutica possui um tripé composto por gramática, história e teologia. Para o fim deste trabalho, a saber, entender qual a natureza das referências Veterotestamentárias na pregação apostólica, do tripé serão mais usadas as faces históricas e teológicas.

O método da escola histórica de interpretação será largamente utilizado na reconstrução do cenário das duas pregações selecionadas. As categorias como cultura local, perfil psicológico dos ouvintes, dentre outras, só podem ser acessadas e compreendidas através de uma análise histórica do relato bíblico.

Por outro lado, somente uma análise histórica não será suficiente para uma compreensão mais acurada do elemento teológico das pregações. Categorias como cumprimentos proféticos, interpretação de salmos e tipos teológicos dependem de ferramentas teológicas para serem acessadas. Neste sentido, elencou-se também o método teológico de análise textual bíblica.

Por fim, chegando-se à investigação propriamente dita, foram escolhidas duas pregações específicas, uma de cada apóstolo citado no título. A primeira a ser analisada é, também, a pregação que inaugura a Era da Igreja sob direção do Espírito Santo. Trata-se, claramente, da pregação do apóstolo Pedro no Dia de Pentecostes, por ocasião do derramar do Espírito sobre a igreja.

A segunda pregação selecionada é uma das primeiras do apóstolo Paulo de Tarso, a saber, sua passagem em Antioquia da Pisídia, logo após João Marcos deixá-lo e retornar para a cidade de Jerusalém. O motivo da escolha destas duas pregações é que elas, por serem direcionadas a um público judeu, recorrem com propriedade à literatura do Antigo Testamento. Observa-se os pregadores utilizando-se de linguagem pactual, de salmos e de profecias a fim de testemunhar da obra de Jesus.

Como bem disse o Senhor aos estudiosos da Lei no capítulo 5 de João: “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito” (Jo 5.39).

Portanto, levantadas as pretensões deste trabalho, passe-se ao perfil da literatura de Atos dos Apóstolos.

2. CARACTERÍSTICAS INICIAIS DO LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS

A literatura contida em Atos dos Apóstolos é de uma riqueza sem fim com vastas implicações práticas para a vida da igreja cristã contemporânea. Ao longo dos séculos, em especial durante as “cruzadas ideológicas” do século XVIII, muitos estudiosos se levantaram para derrubar a historicidade do livro de Atos, bem como a autoria Lucana.

Como veremos neste breve introito, existem fortes motivos para atribuir racionalmente a este livro a historicidade, a apostolicidade e a autoria Lucana.

Nesta seção inicial buscar-se-á investigar algumas características do livro em questão que serão de grande valia para a posterior interpretação das pregações narradas por Lucas, o médico amado.

2.1 O TÍTULO

Autores como Simon Kistemaker e Carlos Osvaldo Pinto (doravante C.O.C.P.) apontam para a definição do título desse livro nos idos do segundo século. Segundo Pinto (2014, p. 179, o sobrescrito tradicional é πράξεις ἀποστόλων (*praxeis apostolōn*), com a ocasional adição da palavra ἁγίων (*hagiōn*) (“santos”) entre as duas palavras.

Entretanto, é de grande valia a recapitulação de Kistemaker no sentido de mostrar os títulos alternativos que disputaram pela capitulação desta obra. Cada um deles é de grande valia para o entendimento de aspectos do livro.

Na página 16 do volume I de Simon Kistemaker (2016), é dito que um possível título para o livro é Atos de Pedro e Paulo, uma vez que o nome de Atos dos Apóstolos pode sugerir uma abordagem nas práticas de cada um dos 13. Entretanto, não há registro de nenhuma palavra individual de João, por exemplo. Isto sugeriria uma boa aceitação do nome “Atos de Pedro e Paulo”. Por outro lado, existem narrações de atos de Filipe, Barnabé e Estêvão. Assim, “Atos de Pedro e Paulo” seria restritivo demais.

Uma segunda possibilidade seria “Atos do Espírito Santo”. Sobre esta proposta, Kistemaker afirma:

(...) o conteúdo do livro é muito mais abrangente do que sugere o título proposto. Ademais, no primeiro versículo de Atos, Lucas dá a entender que está escrevendo uma continuação de seu evangelho. Ele indica que o seu primeiro volume é um livro de “tudo o que Jesus começou tanto a fazer como a ensinar” (1.1). Por inferência, diz que, em Atos, Jesus continua sua obra. Logo, a ênfase não recai tanto no Espírito Santo, mas naquilo que Jesus está realizando no desenvolvimento da Igreja em Jerusalém, Samaria, Ásia Menor, Grécia e Itália. (KISTEMAKER, 2014, p. 16)

Assim, conforme Pinto (2014, p. 179) sugere, o título é aceitável, pois subsume bem a liderança apostólica de Pedro e Paulo enquanto instrumentos usados por Jesus para a pregação do evangelho. Inclusive, vale mencionar o argumento de que havia, “na Antiguidade, toda uma literatura de *“práxeis”*, obras que relatam de maneira solta e plástica uma série de acontecimentos da vida de homens famosos.”

Neste sentido, vale de reforço a afirmação do Nosso Senhor a Ananias a respeito de Paulo no dia de sua conversão: “Vál Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel. Mostrarei a ele o quanto deve sofrer pelo meu nome” (BOOR, 2002, p. 16).

2.2 AUTORIA

Quando se aborda a autoria de algum livro bíblico, a crítica literária aborda evidências internas e externas desta autoria. A evidência interna encontra-se no próprio texto bíblico. A externa, por sua vez, vem de fontes extra bíblicas confiáveis, como a tradição primitiva dos primeiros séculos. Nesta seção serão levantados argumentos de evidência textual interna para sustentar a autoria lucana.

Uma relação fortíssima entre Lucas e o livro de Atos está na sua dedicatória inicial, que é similar à do evangelho lucano. Veja-se a dedicatória do Evangelho de Lucas:

Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós,² conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra.³ Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, **ó excelentíssimo Teófilo**,⁴ para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas. (Lc 1.1-4, grifo nosso)

E do livro de Atos dos Apóstolos:

Em meu livro anterior, Teófilo, escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar,² até o dia em que foi elevado aos céus, depois de ter dado instruções por meio do Espírito Santo aos apóstolos que havia escolhido. (At 1.1-2, grifo nosso).

Ora, é de se ressaltar não apenas a dedicatória à mesma pessoa, a saber, ao misterioso Teófilo, mas também a menção a um volume anterior que trata de toda a vida de Jesus. Neste sentido, os versículos iniciais de ambos os volumes apontam para a mesma autoria, a qual vem a ser chamada de “Arco Lucas-Atos”. Contra estes argumentos não se deve levantar a ausência do nome “Lucas” no seu Evangelho, uma vez que nenhum dos autores identifica-se explicitamente: o foco evangélico está no seu objeto, o Senhor Jesus.

Ainda a respeito de evidências internas, pode-se fazer um levantamento sistemático a respeito da pessoa de Lucas para sustentar sua autoria. Aos Colossenses, no capítulo 4 verso 14, Paulo chama Lucas de “médico amado”. Ele viria a ser um dos discípulos e companheiros de viagem do apóstolo Paulo. Ou seja, é de se esperar alguma menção a isso na literatura de Atos, caso sua autoria seja lucana.

Observa-se, então, o pronome “nós”, bem como vários verbos na primeira pessoa do plural, sendo repetidamente usados a partir do capítulo 16 do livro de Atos. Este pronome sugeriria a presença de Lucas nestas viagens paulinas, hipótese esta sustentada pelo apóstolo em passagens como Cl 4.14, 2Tm 4.11 e Fm 24, segundo Simon Kistemaker (2016, p. 39).

2.3 HISTORICIDADE

Uma vez sustentada a autoria lucana de Atos, é possível utilizar-se de passagens do Evangelho lucano para extrair *insights* acerca da intenção do autor. Nos versículos iniciais do citado evangelho, o autor afirma de seu rigor metodológico para investigar cautelosamente os ocorridos e discernir a verdade, que está toda documentada em suas obras.

Assim, nos evangelhos observa-se menções a fatos históricos amplamente conhecidos, especialmente por parte dos leitores originais. É o caso da menção a um governante famoso: **“No tempo de Herodes, rei da Judéia, havia um sacerdote chamado Zacarias,”** (Lc 1.5, grifo nosso). Além disso, menciona-se um documento oficial emitido pelo governo central romano: **“Naqueles dias César Augusto publicou um decreto ordenando o recenseamento de todo o império romano. ²Este foi o primeiro recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria.”** (Lc 2.1-2, grifo nosso)

Ou seja, de início é claramente observável um rigor metodológico da parte de Lucas para, não apenas apurar os fatos, mas posicioná-los temporalmente em uma linha do tempo fática, fazendo menção a eventos conhecidos, apontando a historicidade dos eventos narrados.

Agora, em se tratando do texto de Atos dos Apóstolos, Kistemaker (2016) aponta vários fatos históricos mencionados por Lucas. O primeiro deles é uma grande fome em Jerusalém profetizada por Ágabo:

²⁷ Naqueles dias alguns profetas desceram de Jerusalém para Antioquia. ²⁸ Um deles, Ágabo, levantou-se e pelo Espírito predisse que uma grande fome sobreviria a todo o mundo romano, o que aconteceu durante o reinado de Cláudio. ²⁹ Os discípulos, cada um segundo as suas possibilidades, decidiram providenciar ajuda para os irmãos que viviam na Judéia. (At 11.27-29)

Sobre esta fome relatada em Atos, Kistemaker (2016, p. 31) aponta para a literatura do primeiro século no sentido de posicionar esta fome em meados da década de 40 do século I. Além desta severa fome, o autor aponta também para outros fatos históricos a fim de posicionar no tempo passagens como a prisão de Pedro, o Pentecoste e as Viagens Missionárias. São alguns dos fatos que apoiam a narrativa de Atos o aniversário de Cesareia, a própria Páscoa, o assassinato do imperador Calígula, o reinado de Nero, entre outros (cf. KISTEMAKER, 2016, vol. 1, p. 35).

Ao fim deste breve levantamento, encontra-se forte evidência do zelo historiador de Lucas, o médico amado.

3. DIRETRIZES HERMENÊUTICAS PARA A COMPREENSÃO DE ATOS DOS APÓSTOLOS

Isto posto, vencidas as questões introdutórias, angariam-se motivos suficientes para que se entenda esta literatura não só como histórica e precisa, mas como inspirada por Deus e apta para o ensino, correção e edificação da comunidade dos santos. Neste sentido, passe-se então para discussões de hermenêutica e diretrizes interpretativas.

Abra-se um parêntese para a memória do propósito deste trabalho: analisar as pregações vistas em Atos dos Apóstolos. Qual linguagem os pregadores utilizavam? Qual método de argumentação? Como elaboravam seus discursos? Pregavam

expositivamente ou de forma temática? Quais foram as imagens teológicas utilizadas e quais são as implicações destas figuras?

Uma vez posto este intento para o presente trabalho, fica claro que, dentre o clássico tripé hermenêutico “gramática, história e teologia”, as ferramentas de interpretação histórica e teológica vão ser as mais relevantes para o fim proposto. Esta escolha se justifica nas passagens que serão analisadas. Aqui pretende-se analisar as pregações em Atos dos Apóstolos dentro de seu contexto e com foco na teologia elencada pelos pregadores, a saber, em como fazem o link entre o Antigo Testamento e a vida do Senhor Jesus.

Assim, este capítulo será uma exposição dos pontos e métodos mais pertinentes da hermenêutica histórica e teológica. Uma vez expostos os pressupostos interpretativos que serão levados em consideração, no terceiro capítulo serão abordados os textos-chave em Atos dos Apóstolos.

3.1 A INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA DAS ESCRITURAS E SEUS PRESSUPOSTOS

Para o fim de definir história, vale relembrar a ontologia modal de Herman Dooyeweerd. Partindo do esquema Kuyperiano de Esferas de Soberania, Dooyeweerd sistematiza a realidade usando como critério a forma de experimentá-la. São elencados, então, quinze modos de experimentar a realidade. São os chamados 15 aspectos modais Dooyeweerdianos.

Dentro desta lista de aspectos, encontra-se o aspecto histórico. Kalsbeek (2015, p. 86) define o núcleo qualificador do aspecto modal histórico como o “poder formativo” de eventos. Quanto maior este poder, mais relevante é determinado evento, e de maior interesse é para o estudo da história.

Para ilustrar o que vem a ser poder formativo, veja-se este exemplo: certamente pelo menos algumas centenas de pessoas faleceram no dia 28 de junho de 1914, especialmente se for levada em consideração a realidade do cangaço no nordeste brasileiro. Entretanto, nenhuma morte neste dia teve um poder formativo tão grande quanto a morte de Franz Ferdinand, arquiduque da Áustria.

Como é sabido, o atentado contra este aristocrata em Sarajevo foi o estopim para o desencadeamento da Primeira Guerra Mundial.

Assim, a interpretação histórica das Escrituras tem uma sensibilidade em relação ao contexto histórico das passagens trabalhadas; ela afere o poder formativo de eventos nas Escrituras e como estes comunicam verdades através do texto.

Nesta esteira, Louis Berkhof em sua obra “Princípios de Interpretação Bíblica” (2012, p. 87 e ss.) elenca alguns pressupostos atribuídos ao método hermenêutico histórico, os quais serão expostos a seguir.

O primeiro, e talvez mais fundamental deles, é a ideia de que, se Deus se revelou em Palavra de modo histórico, a saber, engajado cultural e temporalmente. Então, esta Revelação por meio das Escrituras precisa ser entendida através da história: a saber, da cultura e do tempo. A despeito de todos os elementos que sejam transcendentais ao tempo e universais nas Escrituras, muito dela pode ser discernido historicamente.

Outro pressuposto leva em consideração o poder formativo de circunstâncias históricas. Guardadas as devidas proporções (a fim de evitar reducionismos historicistas), o meio tem poder formador na consciência, nos comportamentos, nos costumes e em várias outras áreas da vida. Entretanto, frise-se, isto não significa que todos os outros 14 aspectos modais da realidade sejam fruto do aspecto histórico. Não se deve cair no erro de explicar, por exemplo, o aspecto pístico (de fé) à luz do aspecto histórico, como bem alerta Josué Reichow no capítulo 3 de “Reformai Vossa Fé”.

Um terceiro pressuposto para levar em conta é a ideia de que, especialmente os escritos ocasionais e narrativos (epístolas, narrativas históricas, etc) serão alterados por circunstâncias temporais. Isso gera uma grande implicação para a exegese nas línguas originais, por exemplo. Se Paulo usa a palavra “ágape” no primeiro século em grego coinê, um exegeta não pode se valer de um léxico platônico para descobrir a melhor tradução para a palavra em questão.

Assim, observa-se que contexto é chave. Não só contexto textual, em termos da narrativa bíblica, mas contexto psicológico

do autor e contexto histórico, nas mais amplas e restritas dimensões. Por exemplo, o contexto histórico provincial de Paulo em Éfeso é diferente do contexto histórico provincial de Paulo em Atenas, mas existe uma cosmovisão grega comum às duas cidades. Cosmovisão esta que não se aplica quando se lê sobre Paulo em Jerusalém.

A esse respeito, Berkhof (2012, p. 88) afirma que é obrigação do exegeta “reconstruir, tanto quanto possível, a partir dos dados históricos disponíveis e com o auxílio das hipóteses históricas [...] o mundo do autor.”

E se o assunto é a reconstrução do mundo do autor, faz-se necessário, inclusive, efetuar uma reconstrução mental da própria Geografia local. Berkhof (2012, p. 91) afirma que é de grande valia conhecer a topografia e a cartografia da Terra Santa, por exemplo. Mas não somente isso, também conhecer as estações do ano, as vegetações, as produções agrícolas, o background econômico e todas estas circunstâncias pervasivas ao contexto.

As implicações destas determinações para um saudável estudo do livro de Atos dos Apóstolos são vastas. O livro, sob certa perspectiva, é um grande passeio pelo Oriente próximo. Cada viagem de Paulo, cada cidade atravessada, cada estrada cruzada, cada casa visitada, cada pessoa vista revela uma profunda diversidade cultural. Os ares, inclusive narrativos, mudam todas as vezes que o apóstolo e sua companhia vão de cidade a cidade.

Isso fica muito claro na passagem de Atos 17 quando o apóstolo zeloso visita a cidade de Atenas, berço da filosofia ocidental. Nesta passagem encontra-se não apenas filósofos epicureus e estoicos discutindo entre si, mas o próprio Paulo utiliza-se de citações de filósofos gregos estoicos a fim de introduzir a fé em Jesus e na ressurreição dos mortos. A esse respeito, o bispo anglicano N.T. Wright (2019) assevera:

Um poeta, o estoico do século III a.C., chamado Arato, cuja obra, *Phaenomena*, era, depois de Homero, o poema mais amplamente lido no mundo de Paulo, expressou-o da seguinte forma: “Pois somos sua descendência”. Ao citar o poema da forma como o faz, Paulo chega perto do que, tirado do contexto, poderia ser facilmente

confundido com estoicismo, e a continuação do argumento deixa claro que esse seria um erro sério. (N.T. WRIGHT, 2019, p. 23)

O versículo bíblico comentado pelo autor é o seguinte: “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos”, como disseram alguns dos poetas de vocês: ‘Também somos descendência dele’. (Atos 17.28).

Ou seja, voltando à interpretação histórica, cabe ao intérprete e exegeta captar estas nuances culturais e históricas, a fim de reconstruir o contexto da forma mais acurada possível, permitindo uma compreensão mais aprofundada do sentido de palavras e frases à luz da cosmovisão dos ouvintes originais.

Dito isto, passe-se, então, a uma exploração da interpretação teológica, suas características e diretrizes.

3.2 A INTERPRETAÇÃO TEOLÓGICA DAS ESCRITURAS

Será de imenso valor a exposição das ferramentas desta modalidade de interpretação uma vez que, analisadas as pregações em Atos, serão extraídas implicações teológicas e até pastorais do uso do Antigo Testamento por parte dos apóstolos e pregadores no primeiro século. Será de grande valia o apoio de Herman Bavinck, no primeiro volume de sua *Dogmática Reformada*, na exploração desta modalidade hermenêutica.

Para discernir a necessidade da atividade de interpretação teológica, cumpre ressaltar, segundo o autor Bavinck (2012, p. 472), que “a Escritura é uma atividade exclusiva do Espírito Santo, um dom especial dado aos profetas e apóstolos, capacitando-os a transmitir a palavra de Deus em uma forma pura e genuína para a igreja de todas as épocas.”

Qual o sentido de afirmar isto? O autor aprofunda o argumento, logo em seguida, afirmando que as Escrituras, em primeira mão, não vêm da Igreja, mas são para a Igreja. É parte do processo de revelação de Deus para o seu povo.

Em outra passagem, Bavinck (2012, p. 443) afirma que as Escrituras têm um propósito completamente religioso. Ela é o princípio fundamental da teologia e, para tanto, requer que seja analisada teologicamente. Uma vez que seu propósito é revelar o conhecimento salvador de Deus, devemos lê-la com este intento. Fechando a linha de raciocínio, o autor assevera que, para o propósito do conhecimento de Deus, a Escritura oferece todos os dados necessários.

Segundo o argumento, o autor, oportunamente, tece uma crítica ao criticismo histórico. Esta escola, engajada com o reducionismo historicista, leva a interpretação histórica às últimas consequências, criando exigências que a Escritura Sagrada não pode cumprir por não ter o propósito de cumpri-las. Tais exigências são explicadas nesta citação: A vida de Jesus não pode ser escrita a partir dos Evangelhos, e a história de Israel não pode ser construída a partir do Antigo Testamento. Não era isso que o Espírito Santo tinha em mente. (BAVINCK, 2012, p. 444).

Ou seja, no fim das contas, é necessária uma exploração do sentido teológico das Escrituras, uma vez que este é seu propósito maior. É o propósito maior da teologia. As interpretações histórica e gramatical servem, então, ao propósito maior de angariar conhecimento salvífico a respeito do Deus Altíssimo, que se revelou a seu povo. Assim, a esse respeito, Louis Berkhof (2012, p. 104) vai arrolar alguns princípios basilares para a correta interpretação do sentido teológico das Escrituras. Para o propósito deste estudo, focar-se-á apenas em dois deles: a unidade das Escrituras e a interpretação tipológica.

3.2.1 UNIDADE DAS ESCRITURAS

É do espírito herético afrontar esta doutrina. Desde Marcão, por exemplo, hereges tentam encontrar inconsistências e divisões dentro do *corpus* escriturístico, especialmente no que diz respeito à relação entre Antigo e Novo Testamento.

O próprio Senhor Jesus põe fim a esta controvérsia afirmando aos líderes judeus no capítulo 5 versículo 39-40 de João: “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que

testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida.”

A revelação de Deus no Antigo Testamento dá testemunho para o fundamento de sua revelação no Novo, a saber, o Filho. Sobre isso, Berkhof (2012, p. 102) afirma que o Cristo pregado no Antigo e no Novo Testamento é o mesmo, bem como a doutrina da redenção. Além disso, os dois *corpi scriptum* trazem as mesmas obrigações morais ao ser humano. Entretanto, assevera ainda “a revelação que eles contêm é progressiva e aumenta gradualmente em definição, clareza e concepção espiritual. Assim como o Novo Testamento está implícito no Antigo, o Antigo está explícito no Novo.”

Ter em mente a concepção do desenvolvimento teológico nas Escrituras será chave para a exposição da pregação dos apóstolos em Atos.

3.2.2 INTERPRETAÇÃO TIPOLOGICA DAS ESCRITURAS

Berkhof (2012, p. 107) assevera ainda que o Senhor se revela não só em palavras, mas também em fatos. Fatos explicam palavras e vice-versa. Segundo o autor, “a síntese perfeita dos dois é encontrada em Cristo, porque nele a Palavra se fez carne.”

Assim, todo o sentido simbólico e tipológico das Escrituras tem como fundamento o *ἐσκήνωσεν* do Senhor dos Exércitos: o armar a tenda entre os homens. Tabernacular. Tornar-se carne e habitar sua Criação. Este é o centro unificador de toda a Escritura. Sombreada pelo Antigo Testamento e irradiada pelo Novo Testamento.

Antes de, finalmente, chegar-se às pregações apostólicas propriamente ditas, cumpre definir o que é um tipo teológico. Segundo Berkhof (2012, p. 109), um tipo é um molde ou um modelo. É mais que um símbolo, porque é mais concreto em seu imaginário. E, diferentemente de um símbolo, ele sempre prefigura uma realidade futura. Ele é meramente o molde no qual o evento futuro repousará.

Para que algo seja um tipo teológico, não basta uma coincidente semelhança entre tipo (figura) e antetipo (objeto

representado). É necessária uma forte evidência escriturística para apoiar a argumentação. Neste sentido, o intérprete não tem liberdade para estender e distender interpretações com o mero propósito de embelezar uma argumentação.

Assim, a implicação principal para o presente estudo em Atos repousa na sequência interpretativa a ser trilhada. A esse respeito, o autor afirma que, antes de tudo, devem ser analisadas cautelosamente quais verdades espirituais os tipos comunicavam aos israelitas. Somente então, após uma resposta satisfatória, deve-se prosseguir para uma análise de como esse tipo ascendeu para a categoria de antetipo no Novo Testamento. Como o tipo foi cumprido e concretizado, sendo revelado em um plano mais elevado no contexto Neotestamentário? Essa é a pergunta a ser respondida pela interpretação tipológica. Dito isto, o autor levanta o seguinte aviso ao intérprete: “Reverter o processo e começar com a concepção do Novo Testamento conduz a todos os tipos de interpretações arbitrárias e imaginosas.” (BERKHOF, 2012, p. 110)

Levantadas, então, as características panorâmicas do livro de Atos dos Apóstolos, bem como as ferramentas interpretativas mais afiadas e adequadas para sua análise, passe-se, então, para o estudo aprofundado de algumas pregações narradas no livro, bem como de suas implicações teológicas em seu uso da literatura Veterotestamentária.

4. ATOS DE PEDRO E PAULO

Chegada a seção de analisar as pregações no livro de Atos, importa ressaltar quais serão os discursos analisados. De início, a primeira passagem a ser analisada será a pregação de Pedro aos judeus que visitavam a cidade de Jerusalém no dia de Pentecostes, ocasião da descida do Espírito Santo à igreja. O trabalho seguirá, então, e analisará a pregação de Pedro no templo, após a cura de um mendigo. A terceira e última pregação sob análise será a de Paulo em Antioquia da Pisídia. A razão da escolha destas pregações é o foco do presente estudo: o uso de passagens do Antigo Testamento como reforço argumentativo na pregação cristocêntrica. São discursos direcionados a um público judaico e, portanto, familiarizados com os símbolos, as remissões, as alianças e os personagens aludidos.

Na presente análise serão aplicadas as ferramentas e os conceitos abordados na última seção, explícita ou implicitamente. De início o método começará com um desenho histórico do contexto no qual foi proferida a pregação. Esta contextualização vai mostrar a configuração do auditório (quem fala e quem ouve), bem como as circunstâncias temporais ocorridas ali. Entretanto, não somente isso, mas o contexto canônico também será de grande valia, conforme visto na seção de interpretação histórica. Com contexto canônico refere-se ao posicionamento da passagem naquele determinado espaço dentro do livro bíblico. Este posicionamento não é arbitrário, mas, além de inspirado pelo Espírito Santo, normalmente traz razões literárias preciosas.

Uma vez levantado o contexto, mediante os usos das ferramentas históricas, será analisado o uso que o pregador faz das passagens do Antigo Testamento. Além de um estudo do fluxo do argumento do sermão, também cumpre realizar um estudo de teologia bíblica a respeito das figuras suscitadas em ditas citações.

Dito isto, passe-se à análise propriamente dita.

4.1 O APÓSTOLO PEDRO NO DIA DE PENTECOSTES

Para fins de economia de espaço, não será transcrita aqui a totalidade do texto. Ele está contido na porção de Atos 2:14-40, e o seu resultado é elencado no v. 41: a conversão de três mil pessoas ao Corpo de Cristo.

Antes de dissecar as passagens-chave, importa expor o contexto narrado por Lucas. No primeiro capítulo de Atos o Senhor Jesus insta os apóstolos a não saírem de Jerusalém (At. 1.4-5). Ele afirma que João Batista os batizou com água, sinalizando o arrependimento público, mas o Espírito Santo lhes dará poder para serem testemunhas (“mártires”) em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.

Uma vez que o dia de Pentecostes ocorre cinquenta dias após a Páscoa, e que o Senhor Jesus, crucificado e ressurreto na Páscoa, passou 40 dias (At. 1.3) revelando-se aos discípulos e instruindo-os a respeito de sua missão, supõe-se que a passagem

da pregação de Pedro ocorreu 10 dias depois da ascensão do Senhor aos céus.

Em português, na NVI, o texto de Atos 2.1 fala em ser “chegado” o dia de Pentecostes. Entretanto, está no campo semântico da palavra συμπληροῦσθαι a ideia de cumprimento. Assim, Kistemaker (2016, p. 103), comentando a passagem, afirma: “Quer dizer que ao chegar o 50º dia, o período de espera está completo. Para os apóstolos, tem início uma nova era.”

Tradicionalmente supõe-se que estavam presentes 120 irmãos, levando em consideração ser esse o número dos presentes em 1.15. Quando estavam nesta casa citada, “veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles.” (At. 2.2-4)

Assim é descrita a apoteose do Espírito Santo, prometida diversas vezes pelo Senhor Jesus, mais notoriamente no arco de despedida do Senhor em João 14-17.

Pois bem, dito isto, o auditório de Pedro era composto por “judeus, tementes a Deus, vindos de todas as nações do mundo” (At 2.5). Lucas arrola exemplos de nações representadas ali (v. 9-11): “Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, do Ponto e da província da Ásia, Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes.

Este é o público do apóstolo Pedro em sua primeira pregação. Levantado o contexto da passagem, analise-se as passagens-chave aludidas pelo pregador.

4.1.1 JOEL, O PROFETA DO PENTECOSTE

A primeira citação chave desenvolvida por Pedro é a de Joel 2.28-32. A primeira coisa a ser levada em consideração é a inspiração desta citação. Uma vez que a pregação apostólica narrada em Atos está sob a inspiração do Espírito Santo, sendo registrada como Palavra Revelada, tem-se sérios motivos para entender o desenvolvimento desta profecia em seu contexto original e analisar como foi usada pelo apóstolo. Afinal, ele não faz

uma mera citação, mas afirma que o derramar do Espírito é o cumprimento do que foi profetizado por Joel (At 2.16).

No desenvolvimento da profecia de Joel, o derramar do Espírito encontra-se em um momento chave da sua narrativa. Esse é um livro com um forte apelo escatológico, e fala sobre juízo e julgamento. Seu capítulo introdutório narra uma grande praga de gafanhotos que invadiu a terra do povo de Deus. É dito, com um ritmo poético, que “O que o gafanhoto cortador deixou, o gafanhoto peregrino comeu; o que o gafanhoto peregrino deixou, o gafanhoto devastador comeu; o que o gafanhoto devastador deixou, o gafanhoto devorador comeu.” (Joel 1.4)

O profeta conclama então as pessoas ao arrependimento e ao lamento (Jl. 1.5-20). Entretanto, em face deste grande sofrimento, é proferido pelo profeta um oráculo anunciando o Dia do Senhor, que virá trazendo espanto às pessoas. Este dia de juízo, conforme narrado, trará consigo uma recriação e uma restauração de todas as coisas. E é neste ponto que o dia do Pentecostes se enquadra como inauguração de uma nova era.

Veja-se, a passagem contida em Joel 2.21-27 retrata o renovo do Senhor sobre toda a criação. As pastagens ficarão verdes, as árvores darão fruto, a videira ficará carregada e a chuva haverá de vir. As eiras terão trigo, os tonéis transbordarão com vinho e azeite e os gafanhotos serão afastados. Analisando esta passagem de restauração à luz da narrativa redentiva, Palmer Robertson em “Cristo dos Profetas” afirma que não é sem motivo a introdução do Espírito Santo neste ponto do livro. Sobre a passagem, comenta o autor:

Não deveria surpreender, então, que, depois da descrição de Joel a respeito da restauração das plantas, árvores e animais que se seguiu após a praga dos gafanhotos, o Espírito de Deus entre na descrição com proeminência distinta em conexão com o rejuvenescimento do homem. Não apenas o homem israelita, mas “toda a carne” experimenta a recriação da vida pela operação do Espírito de Deus. Dessa perspectiva, a segunda parte da profecia de Joel (Jl 2.28-3.21) brota

naturalmente da primeira (1.2-2.27).
(ROBERTSON, 2017)

Veja-se, então, a grandiosidade dessa passagem que está sendo evocada como cumprida pelo apóstolo Pedro. Muito mais do que uma simples confirmação religiosa de que uma pessoa é salva e está em Cristo, o Espírito Santo é profetizado como parte da própria narrativa redentiva de recriação e restauração de todas as coisas.

A sequência implícita é, neste sentido, a sequência do próprio livro de Gênesis. O Senhor Deus, com sua palavra criadora, traz todas as coisas à existência. Céus e terra, luminares, oceanos, animais e vegetação. Assim, o homem e a mulher são criados como a coroa da Criação: os regentes. Os mordomos. De modo paralelo, a narrativa de Joel mostra uma recriação de todas as coisas em um apoteótico processo de restauração. Quem, senão a humanidade, coroa a recriação? Desta vez uma humanidade em processo de restauração. Não simplesmente com fôlego de vida soprado em seu corpo, mas com o próprio Espírito de Deus derramado sobre seu ser. E não somente os israelitas passarão por isto. Joel é claro: toda carne. Todas as nações. Tamanha amplitude é, senão, um eco das promessas feitas pelo Senhor Deus a Abraão: em ti serão benditas todas as famílias da terra (Gn. 12.3).

Ou seja, o apóstolo Pedro está reivindicando para aquele momento o começo de uma nova era: a redenção iniciada. E esta redenção profetizada traz em si a promessa da salvação a todos os povos: “e todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.” (Jl 2.32 e At 2.21). A explicação para o invocar do nome de Jesus está na passagem a seguir.

4.1.2 NÃO PERMITIRÁS QUE O TEU SANTO SOFRA DECOMPOSIÇÃO

Esta passagem citada por Pedro encontra-se no Salmo 16, nos versos 8-10. Sobre esta porção textual, Berkhof (2012, p. 117) assevera tratar-se de um salmo “misticamente messiânico”, em contraste com a categoria “diretamente messiânico” (exemplificada, por exemplo, pelo Salmos 2). A categoria do Salmo

16, portanto, tem como chave interpretativa a união mística de Cristo à Igreja.

O ponto que Pedro pretende passar com esta citação brota naturalmente do fim da profecia em Joel: “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.” (At. 2.21) O salmo 16 ilustra claramente a relação de Cristo com a morte, na argumentação de Pedro: “Mas Deus o ressuscitou dos mortos, rompendo os laços da morte, porque era impossível que a morte o retivesse (At. 2.24).

Visto que o Salmo está cantado na primeira pessoa, a relação entre Cristo e a morte é de que o Senhor não será abandonado por Deus Pai à decomposição. Antes ele diz “Eu sempre via o Senhor diante de mim. Porque ele está à minha direita, não serei abalado” (At. 2.25). Este diálogo do Pai com o Filho nos Salmos messiânicos ocorre, também, no Salmos 45.6 “O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre; cetro de justiça é o cetro do teu reino.”

Isto posto, Pedro declara a respeito de Davi, trazendo à memória a Aliança Davídica¹⁴, que este, por ser profeta, tinha consciência da ressurreição do Messias. Pedro ensina que o rei Davi compôs o Salmo 16 retratando que, enfrentando a morte, o Messias, objeto da Aliança de 2 Samuel 7 ressuscitaria a fim de assentar-se em seu trono eterno. O apóstolo diz ainda que o cumprimento do Salmo 16 não pode repousar sobre o Rei Davi, uma vez que ele sim faleceu e seus ossos descansam entre seu povo.

Ou seja, o cumprimento encontra-se pleno em Jesus. O foco aqui é a sua vergonhosa morte de cruz, o maior instrumento da dominação romana. Pedro acusa os ouvintes de terem se aliado a homens perversos, a saber, os romanos, para conspirar contra a vida de Jesus. Em Atos 2:23 e 24 apontam para esta realidade: era impossível que a morte o retivesse. Apesar de todos os atentados contra a vida de Jesus, Deus o ressuscitou dos mortos, rompendo

¹⁴ *Aliança estabelecida em 2Samuel 7. Neste capítulo o Senhor Deus promete a Davi uma dinastia eterna, um trono firmado para todo sempre. Esta profecia encontra cumprimento imediato em Salomão, uma vez que é ele o construtor do opulento primeiro Templo. Entretanto, o seu cumprimento mediato é em Cristo, conforme reivindicado pelo autor aos Hebreus na citação em Hb 1.5.*

o laço da morte. O argumento escala, então. O que aqueles homens pensavam estar consumado, na verdade não era bem assim. A morte de Jesus não foi o ponto final para sua vida, e Pedro suscita o Salmo 16 para mostrar a legitimidade disso. Seu corpo sequer enfrentou decomposição, mas a vida voltou a preencher lhe as lacunas.

Mas e agora? Qual o próximo passo? A autoridade da pregação foi estabelecida pelo falar em línguas, fruto do Espírito. Aquele público rejeitara o Jesus e descansavam no fato de que ele morrera. Entretanto, pelo Espírito foram revelados que ele vivia, e que Davi sabia disso.

Neste sentido a argumentação do discurso, saindo da restauração da Criação mediante o derramar do Espírito, segue da ressurreição do Ungido de Deus para a sua glorificação, uma vez findos seus sofrimentos. O nível sobe e os judeus que recebiam a mensagem sentiam-se mais constrangidos.

4.1.3 ATÉ QUE EU PONHA OS TEUS INIMIGOS COMO ESTRADO PARA TEUS PÉS

Dando seguimento ao fluxo do argumento de Pedro, observa-se que ele saiu da citação da ressurreição de Jesus e afirmou esta como a sua grande exaltação. O apóstolo afirma (Atos 2.32-34) que “Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato. Exaltado à direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou o que vocês agora veem e ouvem. Pois Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declarou [...]”, e então recita a porção contida no Salmo 110.

Esta porção brota naturalmente da porção anterior, uma vez que compõem o imaginário judaico do Messias. Nenhuma das duas podiam referir-se a Davi, uma vez que ele sofreu decomposição e não foi assunto aos céus.

A respeito da concatenação das duas passagens suscitada por Pedro, Simon Kistemaker (2012) afirma:

O povo judeu interpretava a Escritura com a regra hermenêutica da analogia verbal, isto é, se duas passagens possuem uma analogia verbal (como

no caso dessas duas citações do Saltério), então uma deve ser interpretada do mesmo modo que a outra. Os judeus consideravam o Salmo 110 como sendo messiânico e, portanto, tinham de interpretar a passagem do Salmo 16 de forma igualmente messiânica. (KISTEMAKER, 2012, p. 136)

Neste sentido, o sermão do apóstolo está chegando a uma conclusão dramática. Jesus é o Messias que enviou seu espírito e que morreu. Mas não somente isto, ressuscitou. Ressurreição esta que tem por testemunhas (novamente, “mártires”, no original) todo o colégio apostólico, ecoando as palavras do Senhor glorificado em Atos 1.8. E agora estas verdades são passadas para os judeus na linguagem que eles entendiam: a citação messiânica do primeiro verso do Salmo 110, posteriormente usado pelo autor anônimo aos Hebreus em seu capítulo introdutório.

A passagem citada por Pedro abre com um diálogo cuja configuração é digna de nota. “O Senhor disse ao meu Senhor”. Davi visualiza um diálogo entre o Senhor Deus e uma figura importante que é descrita pela mesma palavra (“Senhor”).

Estes paralelos, na linguagem Veterotestamentária, de poder entre o Senhor Deus e seu Ungido são vistos diversas vezes nas Escrituras. Por exemplo, veja-se Isaías 9.6-7¹⁵. Ou seja, uma vez citada e atribuída uma passagem messiânica a Jesus, todo o arquétipo do Messias, prometido, profetizado e descrito no Antigo Testamento lhe é atribuído, e não somente a ressurreição do Messias (Salmo 16), por exemplo.

Isto posto, a citação prossegue com o diálogo propriamente dito entre o Senhor Deus e seu Messias: “senta-te à minha direita”. Ora, a direita da majestade é lugar, não só de honra, mas de confiança. De regência e de primogenitura.

¹⁵ Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. ⁷ Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso. (Isaías 9.6-7 NVI)

Importa lembrar a passagem contida em Mateus 22.41-46 na qual o Senhor Jesus reivindica para si a aplicação do Salmo 110. Em um debate com os fariseus acerca da filiação do Messias, Jesus mostra como ele é mais elevado que Davi. Os fariseus à pergunta de quem é o pai do Cristo, afirmam que é Davi. Ao que Jesus responde: “Então, como é que Davi, falando pelo Espírito, o chama ‘Senhor?’” E, então, cita o Salmo 110.

A realidade é que esta passagem é chave para entender o efeito que o sermão do apóstolo teve sobre o seu público. Eles prestaram anuência à tortura, humilhação e crucificação do Senhor do Universo, agente da redenção divina, e este agora está vivo. O seguimento da passagem do salmo mostra o motivo do temor no coração dos ouvintes: “Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés” (Salmo 110.1).

Não só o Cristo ressuscitara, mas fora glorificado e recebera do próprio Pai Altíssimo o lugar de maior honra. Com qual intento? Fazer dos inimigos do Cristo estrado para seus pés. Isso não simplesmente aponta para o glorioso retorno do Senhor, mas põe em xeque os próprios judeus. Pensavam eles, com razão, “quem será inimigo do Messias senão os que laboraram em engodo para sua horrível morte?”.

A literatura Veterotestamentária contorna o Messias como, antes de qualquer coisa, o libertador de Israel. É o profeta que será levantado, conforme Deuterônimo 18 aponta. É o Redentor de Sião apontado em Isaías 54.5. Em Isaías 43.11 Deus é visto como o único salvador para Israel. Neste sentido, quando se fala na justiça e na vingança do Messias, os judeus pensavam nesta ira sendo direcionada para as nações. O próprio Vale de Josafá retratado em Joel 3 como o “vale do julgamento das nações” corrobora esta ideia.

No primeiro verso de Isaías 42, observa-se o “Servo Escolhido”, em quem Deus se alegra e a quem ele sustenta, recebendo o Espírito Santo e levando justiça às nações. Entretanto, muito atemorizaram-se os judeus, ao ouvir a pregação do apóstolo, uma vez que eles viram que rejeitaram o seu Libertador.

“Até que eu ponha os teus inimigos como estrado para teus pés”. Este foi o fim da citação proferida por Pedro. Entretanto, ele, sem tirar o pé do acelerador, profere as últimas palavras que

os seus ouvintes gostariam de ouvir naquele momento: “Portanto, que todo o Israel fique certo disto: Este Jesus, a quem vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo” (Atos 2.36).

Lucas narra, então, o temor tomando conta do coração daqueles judeus. Ficaram aflitos e buscaram forma de se remediar. Que fariam? Algum sacrifício? Eles, que diuturnamente buscavam a Lei Mosaica por respostas, encontraram-se atônitos, sem resposta para aquela circunstância. Perguntaram, então, a Pedro e os apóstolos “Irmãos, que faremos?” (Atos 2.37)

A resposta dada é o primeiro “*call to the altar*” inspirado pelo Espírito registrado na história da pregação. “Pedro respondeu: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo” (Atos 2.38).

Convencidos, então, de que Jesus foi feito Cristo, e de que Ele não usaria de seu juízo contra os pecadores confessos, houve um acréscimo de cerca de 3 mil pessoas à Igreja naquele dia.

4.1.4 FLUXO DE ARGUMENTO DO SERMÃO E CONCLUSÕES PARCIAIS

Finda, então a primeira exposição detalhada, passe-se às conclusões parciais do estudo. A linha argumentativa trilhada por Pedro inicia-se no derramar do Espírito e dele prossegue para o Senhorio do Ungido de Deus.

A primeira passagem evocada não é simplesmente citada pelo pregador, mas é uma profecia que é reivindicada como cumprida naquele momento. Trata-se, é claro, da profecia de Joel acerca do derramar do Espírito. Como dito em sua seção específica, os oráculos em Joel devem ser tratados com cautela, uma vez que estão intimamente ligados ao contexto histórico vivido pelo profeta. O teólogo Berkhof (2012, p. 113), citando Davidson, afirma: “Quando Joel fala de gafanhotos, ele quer dizer gafanhotos. Quando ele fala de sol, lua e estrelas, refere-se a esses astros. Quando ele diz, ‘Como geme o gado!’, ele quis dizer gado e não, como Hengstenberg pensa, nações do mundo pagão, fora do pacto”.

Assim, Berkhof, na mesma página, fecha a linha de raciocínio afirmando que a literalidade deve ser a regra na interpretação profética, e não o contrário. Neste sentido, ao falar sobre uma restauração das plantações e da produção, seguido do derramar do Espírito, temos razões para ver a literalidade do intento divino: ungir a Criação com a preciosa pessoa do Espírito Santo.

Isto posto, como foi citado, Pedro reivindica para aquele momento o cumprimento de Joel 2.28. Este cumprimento é dado por Deus como garantia (selo) da autoridade apostólica naquele momento de oração. Ao judeu temente, aquela estética de pregação era familiar. Falavam da parte de Deus.

Firmada a legitimidade da experiência e das maravilhas que ocorriam naquele momento, Pedro explica então a causa dele, em termos proféticos judaicos. A partir de Atos 2.22 o apóstolo fala dos prodígios do Jesus que, rejeitado pelos ouvintes, foi entregue à vergonhosa morte de cruz, com todas as suas implicações¹⁶.

Entra, então, a citação do Salmo 16, avançando o fluxo do argumento: a pior das mortes não conteve Jesus, e Pedro afirma que Davi sabia disso. “Não me abandonarás no sepulcro e nem permitirás que o teu Santo sofra decomposição”.

Ao grande ponto de interrogação após a ressurreição do Messias no Salmo 16, Pedro responde à questão implícita “E agora?” com a grande resposta de Deus: a glorificação e o Senhorio do Messias. Portanto, esse é o fluxo do sermão. A todo momento os ouvintes são constrangidos pelas suas afeições contra Jesus. Mas não somente isso, esta pregação mostra que os judeus, pensando estar sendo zelosos e agradando a Deus, na verdade estão do lado contrário da equação. Estão do lado dos inimigos do Cristo e precisam de arrependimento.

É esta a implicação do chamado à “metanoia” após a citação do primeiro verso do Salmo 110: “Até que eu ponha os teus inimigos como estrado para teus pés”. Os inimigos imediatos eram os responsáveis pela crucificação do Cristo. Neste sentido, a graça

¹⁶ “qualquer que for pendurado num madeiro está debaixo da maldição de Deus” (Deuterônimo 21.23)

do evangelho é estendida ao público de Pedro no convite ao arrependimento em Atos 2.37.

O Messias que envia seu Espírito em uma atitude redentiva (Joel 2.28) foi morto mas não abandonado à morte, e sequer enfrentou decomposição pois Deus o ressuscitara (Salmo 16). Agora ele está assentado à direita da Majestade e terá seus inimigos por estrado de seus pés, e julgará vivos e mortos (Salmo 110). Este é o fluxo da pregação de Pedro em Pentecostes, com todas as implicações das suas citações e aplicações do Antigo Testamento.

4.2 PAULO DE TARSO EM ANTIOQUIA DA PISÍDIA

Seguindo da pregação de Pedro, veja-se a segunda e última pregação selecionada. Trata-se do discurso proferido pelo apóstolo Paulo na porção textual de Atos 13.13-52. Novamente, tendo em vistas a economia de espaço, não será transcrita a totalidade do texto. Apenas citações pontuais no decorrer da análise.

Dito isto, sigamos na trilha metodológica proposta levantando o contexto histórico e canônico. Claramente, o pregador nesta perícope é o apóstolo Paulo de Tarso. Na narrativa de Atos 9 ele foi apresentado ao Jesus a quem perseguia com pecaminoso zelo. A primeira menção de Paulo no cânon foi assentando com a execução de Estêvão (At 8.1). Ele era um notório perseguidor da igreja de Cristo e foi responsável por uma grande dispersão de cristãos em Jerusalém. A narrativa de Lucas em Atos 8.1-3 mostra como os crentes, com exceção dos apóstolos, fugiram para a Judeia e para a Samaria, e Saulo levava cristãos presos.

Entretanto, este mesmo perseguidor recebeu grade misericórdia do Senhor Jesus e foi comissionado para a pregação do evangelho aos gentios. Assim como N.T. Wright aqui partilha-se da ideia de que Paulo não abandonou sua mentalidade judaica. Na verdade, o Senhor Jesus a levou à completude, o que possibilitou que as portas do Israel Renovado sejam abertas à missão aos gentios. Sobre isto, Wright afirma em seu artigo "Paulo e César: uma nova leitura de Romanos" (2002):

Como espero já ter indicado, mas que quero enfatizar aqui, minha leitura depende precisamente do fato de Paulo ser e permanecer um pensador judeu, dirigindo-se ao mundo pagão com o anúncio de que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó é o verdadeiro Deus, e que esse Deus agora provou tal afirmação ao ressuscitar Jesus dentre os mortos, o qual é, desta forma, o Messias judeu e, *portanto*, o Senhor do mundo inteiro. Esta, de fato, é a lógica por trás de toda a missão aos gentios – não que Paulo estivesse abandonando o Judaísmo, mas o estava, alegadamente, cumprindo. (WRIGHT, 2002, p. 5)

Ou seja, a ênfase cai na Unidade das Escrituras e na continuação do Antigo e Novo Testamento. Entretanto, a maior implicação do estabelecimento desta ideia está no aspecto psicológico. Paulo, enquanto fariseu e doutor versado tanto na Lei quanto na literatura judaica, argumentava com propriedade quando suscitava alianças, símbolos, promessas e personagens Veterotestamentários. Quando discursava a um público judeu, versado nessas categorias, ele estava “em casa”. A esse respeito, cf. “Paulo: uma biografia” de N.T. Wright.

Esclarecido o perfil do pregador, cumpre falar do local, a saber, Antioquia da Pisídia. Paulo, em sua primeira viagem missionária, fora levantado pelo Espírito Santo na companhia de Barnabé para a pregação do evangelho ao redor do globo aos gentios. Este chamado é visto claramente em Atos 13:2. A primeira parada deles, conforme Lucas segue em relatar, é em Salamina. Conforme Kistemaker (2016, p. 581), esta é uma “cidade portuária da costa leste de Chipre e situada próxima ao norte da moderna cidade de Famagusta.”. Nesta cidade proclamaram a palavra de Deus nas sinagogas aos judeus, como visto em 13:5.

De lá viajaram por toda a ilha (v. 6), pararam em Pafos, onde encontraram-se com o procônsul Sérgio e Elimas, o mágico. Após Paulo repreender o mágico, infligindo-lhe cegueira, Sérgio impressionou-se com o poder demonstrado e creu profundamente. Este relato está em 13:6-12.

Após a partida de Pafos rumam à Panfília, onde João Marcos os abandona. De lá o destino é a Antioquia da Pisídia, onde Paulo discursa, no sábado, na sinagoga. O relato de Lucas é o seguinte: “No sábado, entraram na sinagoga e se assentaram. Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os chefes da sinagoga lhes mandaram dizer: ‘Irmãos, se vocês têm uma mensagem de encorajamento para o povo, falem’” (Atos 13:14-15).

Como fica evidente no vocativo utilizado pelo apóstolo no v. 16, lá encontravam-se não apenas israelitas, mas também gentios. Comentando esta passagem, Kistemaker (2016, p. 590) afirma que as sinagogas eram centros de ensino para os israelitas na dispersão. Entretanto, os habitantes daquela cidade haviam sido familiarizados pelos judeus com a pregação do Antigo Testamento. Dentre os gentios havia majoritariamente gregos, frígios e romanos.

“Pondo-se em pé, Paulo fez sinal com a mão e disse: “Israelitas e gentios que temem a Deus, ouçam-me!” (Atos 13:16)

4.2.1 ENCONTREI MEU SERVO DAVI

As Escrituras Antigas eram denominador comum valiosíssimo para Paulo na pregação do Evangelho. Se Pedro utilizou-se do derramar do Espírito para legitimar a palavra de Jesus, Paulo recorre à boa e velha genealogia davídica. O seu fluxo de argumento inicia-se com a formação do povo de Israel, desde o Egito até Davi (v. 17-22). Sobre Davi o apóstolo menciona o coração santo do rei. É citada a passagem de 1Samuel 13:14, na qual o Senhor fala da retidão de coração do seu servo; “homem segundo meu coração; ele fará tudo o que for da minha vontade”.

Da retidão de caráter atribuída a Davi, Paulo suscita, no argumento, a vinda de Jesus. Ele o faz a partir de duas esferas diferentes. A primeira está sobrescrita na ideia da linhagem real de Jesus. O Senhor vem da tribo de Judá a qual, segundo Jacó profetizou, terá para sempre o cetro de reinado.¹⁷ Assim, tanto Davi quanto Jesus descendem da linhagem que é, por direito,

¹⁷ *O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão. Gn 49.10*

titular do trono hebreu. Esta é uma das formas que Paulo suscita a autoridade de Jesus no sermão.

Por outro lado, a segunda ideia que Paulo usa para trazer a vinda de Jesus em seu sermão é a da promessa. Ele afirma: “Da descendência desse homem Deus trouxe a Israel o Salvador Jesus, como prometera” (v. 23). A linhagem real é um lado, mas de nada ela valeria se não tivesse o aval profético das promessas do Senhor. Ao caracterizar Jesus como o libertador prometido, novamente todo o peso do arquétipo messiânico Veterotestamentário cai aos ombros do Senhor.

Será que o sermão conseguirá convencê-los de que Jesus cumpre os requisitos?

4.2.2 A RESSURREIÇÃO DO MESSIAS

Nesta porção do sermão, Paulo, tal qual Pedro, vai recorrer ao grande fundamento da fé em Jesus: a ressurreição. Tamanha era a menção dos apóstolos à ressurreição (“anastásis” em grego) que, ao ouvir Paulo discursar, os atenienses imaginaram que ele falava de deuses estrangeiros (At. 17:18), no plural, como se Anastásis fosse, em si, uma deidade.

Aos Coríntios, no capítulo 15 da primeira carta, o mesmo apóstolo afirma: “Pois, se os mortos não ressuscitam, nem mesmo Cristo ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados.” (1Cor. 15:16-17)

Ou seja, uma vez que este é o grande fundamento da lealdade ao Senhor Jesus e da fé na esperança que ele promete, Paulo lança mão desta doutrina em seu sermão. A seção passada termina na caracterização de Jesus como descendência de Davi e libertador prometido a Israel. Entretanto, conforme Lucas segue a narrar, o pregador mostra como, mesmo após João Batista (presumidamente conhecido de muitos em Antioquia) validar o ministério de Jesus, as autoridades judaicas e todo o povo continuou a persegui-lo.

Conforme o v. 27 relata, “o povo de Jerusalém e seus governantes não reconheceram Jesus, mas, ao condená-lo, cumpriram as palavras dos profetas, que são lidas todos os

sábados.” Paulo segue no v. 30, então, e contrapõe a sentença de morte com a sentença mais curta e gloriosa possível: “mas Deus o ressuscitou dos mortos”.

A fim de preparar o terreno para fundamentar a ressurreição de Jesus no Antigo Testamento, o apóstolo afirma ainda, nos vs. 32-33: “Nós lhes anunciamos as boas novas: o que Deus prometeu a nossos antepassados ele cumpriu para nós, seus filhos [...]” (Atos 13.32-33). Esta alegação começa extremamente esperançosa. Ora, Deus prometera diversas coisas aos antepassados dos ouvintes. Entretanto a promessa que ecoa o sermão de Paulo, desde o v. 19 é a feita a Abraão: “por meio de você todos os povos da terra serão abençoados” (Gn 12.3).

Entretanto, a forma como a frase termina rompe com as expectativas dos ouvintes. Deus cumpriu aos filhos de Abraão a promessa que fizera, mas como? Paulo continua no v. 33: “ele cumpriu para nós, seus filhos, ressuscitando Jesus.” A ressurreição de Jesus é, então, pregada como a inauguração de um novo momento não só para o povo de Israel, mas para todos os povos da terra. O salvador do mundo morrera, mas a morte não o conteve. A primeira passagem usada pelo apóstolo para retratar esta realidade está no Salmo 2:7: “Tu és meu filho; eu hoje te gerei.”

Este mesmo verso é utilizado pelo autor anônimo aos Hebreus, no primeiro capítulo, para falar da majestade de Jesus expressa através da sua filiação. Foi eternamente gerado pelo Pai. Entretanto, Paulo usa-a para representar a realidade da ressurreição. Acerca desta passagem, Kistemaker (2016) ensina:

No Salmo 2, o salmista retrata um filho subindo ao trono real de seu pai, que o instala como rei e diz: “Você é o meu Filho; hoje eu me tornei o seu Pai” (v.7). O salmo é um cântico de coroação e a citação específica é um decreto de entronização. A escolha de palavras diz ao leitor que o Rei é o próprio Deus, que nomeia um rei davídico para o cargo real. (KISTEMAKER, 2016, p. 612)

Já fora estabelecido por Paulo a descendência davídica de Jesus. Assim, ele constrói nela a atribuição deste Salmo ao Senhor. Entretanto, conforme a citação acima assevera, não apenas a passagem da geração eterna é atribuída, mas todo o delineamento

messiânico retratado no Salmo segundo. Ou seja, inclui-se aqui a parte de seu reinado universal e de seu domínio sobre toda a criação¹⁸.

Paulo reitera esta ideia suscitando, então, a passagem, traduzida ao grego, contida em Isaías 55:3: “Eu lhes dou as santas bênçãos prometidas a Davi”¹⁹. Mais uma vez Davi mostra-se como o denominador comum entre a pregação do evangelho e o público judeu. Entretanto, “denominador comum” é um “*understatement*”. Ele é mais que isso: ele é um tipo, cujo antetipo é o próprio Senhor Jesus. Na literatura Veterotestamentária, Davi representa os moldes messiânicos. Moldes estes que são preenchidos e consumados em Cristo Jesus.

Ou seja, se está consumado em Cristo, um grande propósito da citação da passagem de Isaías é mostrar que as bênçãos de Deus não cessaram em Davi, mas permanecem em Jesus, e este, ressurreto, abençoa seu povo. Sobre a ressurreição, tal qual Pedro, Paulo também haverá de suscitar o Salmo 16. Mas não somente isso, tal qual Pedro a concatenação de versos dar-se-á também usando a regra judaica da analogia. Comentando esta passagem, Kistemaker (2016, p. 614) mostra como palavra “Santo” no Salmo 16.10 é usada para explicar a expressão “santas coisas” em Isaías 55:3. Assim, as citações estão intimamente ligadas e a mensagem que se sobressai da sua interpretação é que o Santo de Deus jamais passará por decomposição e a morte não o reterá. Mas Deus fará as seguras e santas bênçãos deste homem disponíveis ao seu povo.

É uma argumentação totalmente judaica, o que ecoa, novamente a ideia de N.T. Wright: Paulo manteve-se um pensador que argumenta em categorias judaicas, e Jesus abriu as portas do Israel Renovado para os gentios, tornando suas seguras bênçãos disponíveis aos verdadeiros filhos de Abraão: os que o são pela fé, posto que “destas pedras Deus pode fazer surgir filhos a Abraão”, afirmou João Batista (Mateus 3:9).

¹⁸ *Pede-me, e te darei as nações como herança e os confins da terra como tua propriedade. Tu as quebrarás com vara de ferro e as despedaçarás como a um vaso de barro”. (Sl 2.8-9)*

¹⁹ *A passagem traduzida do hebraico para o português na NVI afirma “Farei uma aliança eterna com vocês, minha fidelidade prometida a Davi.”*

4.2.3 DO QUE A LEI DE MOISÉS NÃO JUSTIFICA

Agora o sermão de Paulo aproxima-se do seu fim. Foi lançado o fundamento da descendência davídica de Jesus, bem como mostrado que ele é o salvador e libertador prometido a Israel. Também foi mostrado que ele, apesar de ter sofrido a pior das mortes possível para o seu tempo, o Senhor Deus o ressuscitou dos mortos, sequer permitindo que seu corpo enfrente a decomposição. Mas e agora?

Ao firmar a ressurreição de Cristo, Pedro segue seu argumento para a linha do senhorio do Messias a fim de chegar ao arrependimento de pecados, que é a chamada para ação (*call to action*) de seu sermão. Por outro lado, Paulo, a fim de chegar ao arrependimento, trilha pelo argumento da justificação. Apesar de ser dito que seu público era temente a Deus, é sabido que sua observância à Lei não era completa, e que, por isso, não podiam ser justificados diante de Deus por seus esforços.

Sobre isso, Tiago afirma: “Pois quem obedece a toda a Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente.” Aquele público sabia de todas essas coisas, por serem versados na literatura Veterotestamentária. Dito isto, Paulo (Atos 13:38-39) mostra a graça de Jesus em suas palavras: “Portanto, meus irmãos, quero que saibam que mediante Jesus lhes é proclamado o perdão dos pecados. Por meio dele, todo aquele que crê é justificado de todas as coisas das quais não podiam ser justificados pela Lei de Moisés.”

Pelo nome de Jesus o perdão foi proclamado no sermão de Paulo, e seu discurso encerra-se com uma advertência tirada do texto de Habacuque 1:5²⁰, alertando os ouvintes a não agirem como os escarnecedores do tempo do profeta que, não vigiando, mas pecando, caíram nas mãos do Deus Vivo. “Terrível coisa é” (Hb 10.31).

Assim observa-se que toda a doutrina da justificação pela fé, em detrimento da Lei, já está sedimentada na mente do apóstolo. Já fora revelada por Deus e agora ele aventura-se na

²⁰ *“Olhem as nações e contemplem-nas, fiquem atônitos e pasmem; pois nos dias de vocês farei algo em que não criariam se lhes fosse contado.”*

missão para a qual fora chamado. O resultado desta pregação está nos v. 42 e 43. Foram seguidos por judeus e judeus prosélitos (convertidos ao judaísmo), os quais eram recomendados que “continuassem na graça de Deus”.

4.2.4 O SEGUNDO SÁBADO E A LUZ PARA OS GENTIOS

Finda a pregação de Paulo e Barnabé no primeiro sábado, do verso 44 ao 52 é mostrado o segundo sábado de pregação dos protagonistas. Como será visto nesta pequena seção, esse dia não vai tão bem quanto o primeiro. Provavelmente correu pela cidade as notícias de que judeus estavam “pregando contra Moisés” e mostrando uma nova forma de sucesso espiritual dentro do judaísmo, através de um tal de Jesus. Comentando a passagem, Kistemaker (2016, p. 623) afirma: “Supomos que, durante toda a semana, os cristãos de Antioquia da Pisídia falaram acerca de sua fé em Cristo; e também, Paulo e Barnabé, por sua vez, não ficaram calados até o sábado seguinte, esperando uma oportunidade para falar.”

Neste sentido, Lucas generaliza e afirma que toda a cidade se reuniu para ouvir a Palavra de Deus (v. 44). Sucede, entretanto, que, vendo a multidão, os judeus enchem-se de inveja. Eles veem que os missionários colhiam a safra de evangelismo que os judeus não conseguiram em suas décadas de testemunho da Lei e dos Profetas. Um novo tempo havia chegado na cidade.

Às provocações feitas pelos judeus, Paulo corajosamente afirma que, uma vez que os judeus rejeitaram o evangelho de Jesus, os gentios viraram seu alvo. Para fundamentar sua missão ao mundo greco-romano, é citado Isaías 49:6b²¹. Ao ouvirem que o Messias proclamado, a saber, Jesus, o salvador, não fora dado apenas aos israelitas, mas a todos os povos, os gentios alegraram-se, bendisseram a palavra do Senhor e creram (v. 48).

É interessante ver, no próprio texto de Isaías 49:6 o desenvolvimento da missão do Messias. O Senhor Deus afirma que para ele é muito pouco simplesmente libertar Israel e restaurar as

²¹ *Também farei de você uma luz para os gentios, para que você leve a minha salvação até os confins da terra*

tribos de Jacó, trazendo o remanescente fiel. Muito mais que isso, o Messias deve ser luz para todo o mundo, oferecendo a graça salvífica a todas as nações, cumprindo, mais uma vez, o eco profético a Abraão em Gênesis 12:3.

“Que o Senhor o abençoe desde Sião” (Salmo 128:5).

4.2.5 FLUXO DE ARGUMENTO DO SERMÃO E CONCLUSÕES PARCIAIS

Da mesma forma que o apóstolo Pedro, Paulo suscitou a autoridade do Senhor Jesus através da sua ressurreição. Para tanto, ambos se utilizaram do Salmo 16. Entretanto, antes de chegar à ressurreição, Paulo parte do denominador comum ali: a história do povo hebreu. Partindo da grande libertação do Egito, o apóstolo trilha o caminho da conquista de Canaã, o período dos juízes e a monarquia falida de Saul. Ele contrapõe, então, diversos fracassos do povo hebreu em cumprir a vontade de Deus com a figura de Davi, e cita 1Sm 13:14 para dar testemunho positivo a favor do segundo rei de Israel: “homem segundo o meu coração; ele fará tudo o que for da minha vontade”, diz o Senhor.

Assim, utilizando-se de um “efeito halo”, Paulo suscita Jesus como descendência de Davi. Neste sentido, atribui-se àquele a retidão de caráter deste. Mas não somente isso, Paulo também suscita que Jesus é o próprio libertador de Israel de quem as promessas do Antigo Testamento falam, bem como de quem João Batista dá testemunho (Atos 13:25).

Introduzida a figura de Jesus, o apóstolo se aprofunda em sua carreira terrena: foi rejeitado pelo povo de Jerusalém (13:27). Entretanto, isso não pegou Deus de surpresa. Antes, fora predito pelas “palavras dos profetas que são lidas todos os sábados” (13:27). Dito isto, Paulo anuncia a morte de Jesus, contrapondo-a imediatamente com a intervenção de Deus, que o ressuscita.

Assim, o argumento acerca de Jesus é intensificado com as diversas citações de salmos e profetas. O Salmo 2º é suscitado para falar da ressurreição e, logo em seguida, Isaías 55:3 e o Salmo 16:10 são interpretados em conjunto, à moda judaica, mostrando que as bênçãos santas e seguras de Davi permanecem em Jesus. Este,

agora ressurreto, torna-as acessíveis e seguras ao seu povo. Por isso Paulo afirma no v. 33 que o cumprimento das promessas aos antepassados ocorreu em favor do povo.

Assim, estabelecidas todas estas verdades a respeito de Jesus, a chamada para ação é introduzida. Jesus é o salvador prometido e assegura as bênçãos da aliança davídica ao seu povo. O que fazer? Os vs. 38-39 afirmam com clareza: o perdão dos pecados é proclamado mediante o nome de Jesus. Todas as faltas das quais a Lei de Moisés não consegue justificá-los são remidas na obra do Messias. Isso é restauração e graça. Neste sentido, “todo aquele que crê é justificado” (v. 39).

Após o decorrer de uma semana, durante a qual supõe-se que Paulo e Barnabé aproveitaram cada oportunidade para pregar, no sábado seguinte toda a cidade se amontoa para ouvir a palavra de Deus (v. 44). Nesta ocasião o apóstolo Paulo discursa com fervor, incorporando sua missão ao mundo greco-romano, atraindo para si a inveja dos judeus. Assim, ele anuncia o cumprimento de Isaías 49:6, a saber, da missão do Messias para todos os povos. A salvação do Cristo estava estendida e oferecida “até aos confins da terra”, e isso muito alegrou os gentios que ouviam a pregação (v. 48)

Assim, através deste grande evento evangelístico, o Senhor prova, mediante a providência, o chamado de Paulo e Barnabé para serem dados como missionários ao mundo greco-romano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findo este verdadeiro experimento em Teologia Bíblica, fica evidente como a Unidade das Escrituras compõe uma doutrina poderosa. É simples e evidente: sem o desenvolvimento do conceito do Emanuel (“Deus conosco”) na literatura Veterotestamentária, não haveria igreja ou pregação apostólica. Sem as promessas feitas pelo Senhor Deus a Adão e Eva (Gn 3.15), a Noé (Gn 9), a Abraão (Gn 12), a Judá mediante Jacó (Gn 49), a Moisés e o povo hebreu (Dt 18) e a Davi (2Sm 7), não seria possível ter a ampla dimensão da obra redentiva de Cristo Jesus como temos atualmente.

Uma boa compreensão da literatura actual, profética e messiânica é condição *sine qua non* para o entendimento da relevância do Senhor Jesus, sob pena de reduzir o escopo da sua obra. Ele não vem apenas para livrar pessoas do inferno, mas ele é o agente do Deus Pai na redenção de todas as coisas. A Criação, manchada pelo pecado, está sendo recriada, e Jesus, através do seu sangue, compra para si um povo; povo este que, justificado, está sendo transformado à sua imagem para habitar a nova criação.

Como os anjos cantaram para o Cordeiro que recebeu o Livro Selado em Apocalipse 5:9-10: “Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra”.

Dito isto, esta compreensão mais ampla da obra do Ungido de Deus foi essencial para os apóstolos Pedro e Paulo, cada um em seu contexto, proclamarem a verdade das boas novas. Sem o domínio da literatura Veterotestamentária, não conseguiriam compreender e expor o escopo da obra do Cristo Ressurreto com a maestria da qual dispuseram na Judeia, na Samaria e nos confins da Terra.

REFERÊNCIAS

BAVINCK, Herman. **Prolegômena**. 1ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BERKHOF, Louis. **Princípios da interpretação bíblica**. 4ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BOOR, W. **Comentário esperança: Atos dos apóstolos**. Curitiba: Evangélica Esperança, 2002.

KALSBECK L. **Contornos da filosofia cristã**. Trad. de Rodrigo Amorim de Souza. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

KISTEMAKER, Simon. **Atos**. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

PINTO, Carlos Oswaldo Cardoso. **Foco & desenvolvimento no Novo Testamento**. 2ª ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

REICHOW, J. K. **Reformai a vossa mente: a filosofia cristã de Herman Dooyeweerd**. Brasília, DF: Monergismo, 2019.

ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos profetas**. Edição do Kindle: Clire, 2017.

WRIGHT, N. T. **Paulo e César: uma Nova Leitura de Romanos**. 2002. Disponível em: https://ntwrightpage.com/files/2016/05/Wright_Paulo_Cesar_Romanos.pdf. Acesso em 13 jun. 2020.

WRIGHT, N. T. **Paulo: uma bibliografia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.